

*Apara***DOR**

SÉRGIO ADRIANO H



apresenta:

AparaDOR

SÉRGIO ADRIANO H



série **Palavras Tomadas – Grite**

2018. Vídeo | 2'38"

Ficha Técnica

Sesc RJ

PRESIDENTE DA FEDERAÇÃO DO COMÉRCIO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO | FECOMÉRCIO RJ
Antonio Florencio de Queiroz Junior

DIRETORA REGIONAL
Regina Pinho

DIRETOR DE PROGRAMAS SOCIAIS
Fernando Alves da Silva

DIRETOR DE DESENVOLVIMENTO INSTITUCIONAL
Fabio Soares

DIRETOR DE COMUNICAÇÃO E MARKETING
Heber Moura

GERÊNCIA DE CULTURA
Christine Braga (Gerente)
Fabiana Vilar (Coordenadora Técnica)
Bernardo Marques (Analista de Artes Visuais)
Felipe Capello Carvalho (Analista de Artes Visuais)

UNIDADE SESC NITERÓI
Jeanne Mazzei (Gerente)
Luciana Cheble (Coordenadora Técnica)
Vitor Ramalho (Analista de Cultura)

Exposição AparaDOR

CURADORIA
Juliana Crispe

COORDENAÇÃO GERAL
Sandra Checluski Souza

PRODUÇÃO EXECUTIVA
Flavia Tebaldi

PRODUÇÃO
+Cultura Hub Criativo

PROJETO EXPOGRÁFICO
Flavia Tebaldi
Juliana Crispe
Sandra Checluski Souza
Sérgio Adriano H

IDENTIDADE VISUAL
Tina Merz estúdio gráfico

MONTAGEM E ILUMINAÇÃO
Moisés Barbosa

SINALIZAÇÃO
Aggio Soluções em Comunicação Visual LTDA

PRODUÇÃO EDITORIAL E REVISÃO
Flávia Tebaldi

FOTOGRAFIA
Thomas Mendel

IMPRESSÃO
Trio gráfica digital

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

H, Sérgio Adriano
AparaDor / Sérgio Adriano H. -- 1. ed. --
Niterói, RJ : +Cultura Hub Criativo, 2024.

ISBN 978-65-982260-1-5

1. Artes visuais - Exposições - Catálogos I. Título.

24-206454

CDD-700

Índices para catálogo sistemático:

1. Artes visuais 700

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

04

AparaDOR

Juliana Crispe, curadora

08

Exposição AparaDOR – Obras

AparaDOR

série HISTÓRIA DO BRASIL – MARCO VII

série CORpo-MANIFESTO – Desterro

série Palavras Tomadas – Grite

Brasil brasileiro

série Sonhos recortados

Guia dos Bens Tom_Ados do Brasil III

Guia dos Bens Tom_Ados do Brasil II

Guia dos Bens Tom_Ados do Brasil I

série CORpo-MANIFESTO – Topo do Mundo

série CORpo-MANIFESTO – Largo do Paço

40

AparaDOR abre caminho

Claudia Miranda

43

Decolonização: Projeto e Atitude

Cláudia Mortari

46

Biografia

47

Currículo Artístico

AparaDOR

Juliana Crispe
Curadora

A exposição AparaDOR, de Sérgio Adriano H, provoca debates urgentes e necessários a serem pensados e dialogados por toda a sociedade. Ao enfrentar o racismo estrutural, o artista traz, através de tempos do passado, ações que perfuram o agora, transpondo perguntas retóricas por meio de obras artísticas produzidas. Seus trabalhos tornam-se ações de um indivíduo que move as instituições e interroga os sistemas.

Sérgio propõe desconstruções e novos significados sobre a história, o tecido social, as segregações e os modos velados como o racismo e as atrocidades do passado sobre a negritude são mecanismos formadores da cultura brasileira, de uma desigualdade social de difícil superação, que carrega uma marca de dívida com os povos negros e indígenas deste país.

Se o aparador, móvel colonial, traz uma carga simbólica de separação e dos modos de opressão, genocídio, violências e disparidades, em sua exposição de mesmo nome, o artista interroga os símbolos e incorpora novas imagens para pensar sobre as potências possíveis de mecanismos que desejam parar as dores dos corpos racializados, que recebem carimbos, rótulos, antes mesmo de nascerem. Sérgio Adriano H produz futuros carregados de afetos, de desejos, de paz e mudanças, e não deixa de carregar consigo as histórias e o respeito por aqueles que antes dele trouxeram em suas lutas as realizações de novos futuros ancestrais.

O artista apropria-se de livros e outros objetos para contar e construir novas histórias. Produz imagens fotográficas e imagens em movimento onde o *ser negro* aparece como agente interrogador que ressignifica a história pela noção de pertencimento, provocando em suas obras fissuras entre as fronteiras visíveis e invisíveis do sistema.

Bárbara Carine (@uma_intelectual_diferentona), em seu livro “Como ser um educador antirracista” (2023), nos diz que “a educação é o ato de socializar com as novas gerações os conhecimentos historicamente produzidos”. Em certa medida, o que Sérgio Adriano H faz é socializar através da arte os conhecimentos históricos e nos provocar a olharmos para o mito da democracia racial pelos movimentos da **decolonialidade**¹, pois não há e nunca houve igualdade entre pessoas negras e não-negras no Brasil.

Assim, esta exposição também assume, por intermédio da arte, um lugar educativo na contemporaneidade e movimenta a luta antirracista, uma luta que deve ser exercida por todes.

1. Decolonialidade é considerada como caminho para resistir e desconstruir padrões, perspectivas e conceitos trazidos pelos sistemas colonizadores e impostos aos povos subalternizados ao longo dos tempos, sendo também uma crítica direta à modernidade e ao capitalismo.

CARINE, Bárbara. *Como ser um educador antirracista*. São Paulo: Editora Planeta, 2023.

***Ser um artista Negro
requer consciência de
Representatividade,
Resistência, Existência,
Ancestralidade,
Coletividade!***

SÉRGIO ADRIANO H

Aparador comprado de antiga fazenda produtora de café. O móvel foi quebrado pelo artista, que extraiu uma de suas pernas, pintou-a de verniz brilhante e verniz fosco, e pendurou sete sinos de porcelana, daqueles usados para chamar “criado”. A quantidade de sinos faz alusão a cada dia da semana sem descanso para o “criado”. A corda que amarra os sinos ao móvel foi mergulhada em terra do Quilombo dos Palmares, local onde o artista esteve em 2022, um lugar de resistência.

AparaDOR

2022. Objeto.

Pé de móvel aparador, 7 sinos de porcelana para chamar “criado”, cordão com cola e terra do Quilombo dos Palmares.

88 x 43 x 21 cm | 1/1





Fotoperformance realizada em São Miguel do Gostoso (RN), local do primeiro marco oficial do descobrimento do Brasil* realizado pelos portugueses, no ano de 1501. A obra faz parte da *Série História do Brasil – Marco*, e busca entender, pelo viés da decolonialidade, como foi o início da colonização no país – desconhecido por muitos –, e sobre como chegamos até os dias atuais. Na foto, o artista se coloca em posição fetal na lateral esquerda de um cajado fincado na beira da praia, sobre o qual está colado e pregado o livro *HISTÓRIA DO BRASIL*.

* Um ano após a chegada ao Brasil da esquadra de Pedro Álvares Cabral, em 1501, uma expedição portuguesa comandada por Gaspar de Lemos veio demarcar as novas terras descobertas por Portugal. Para isso, foram deixados marcos, pedras de cerca de 2 metros de comprimento, com as armas da coroa portuguesa, das terras de Portugal ao longo da costa brasileira, em São Miguel do Gostoso, Rio Grande do Norte, Itamaracá, Pernambuco, Porto Seguro, na Bahia, e São Vicente, em São Paulo.

série **HISTÓRIA DO BRASIL**
– **MARCO VII**

2020. Fotoperformance.

Impressão sobre tecido presa em cabo de vassoura.
80 x 120 cm | 1/5 | Registro fotográfico Sérgio Adriano H

Fotoperformance realizada no bairro Sambaqui/Santo Antônio de Lisboa – Florianópolis, remontando à antiga Desterro, nome pelo qual foi chamada a cidade até 1894, quando recebeu seu nome atual. Nesta localidade foi construída a primeira rua calçada do estado de Santa Catarina por pessoas escravizadas para a passagem do imperador Dom Pedro II, em 1845. Na foto, o artista veste um cobertor recolhido da rua, no centro de São Paulo, abandonado por pessoa em vulnerabilidade social, e passa sob uma espécie de portal formado por dois pés de cana-de-açúcar.

série **CORpo-MANIFESTO**
– **Desterro**

2022. Fotoperformance.

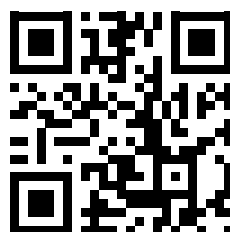
Impressão sobre tecido presa em cabo de vassoura do Museu de Arte de Santa Catarina.

150 x 100 cm | 1/10 | Registro fotográfico Sérgio Adriano H



A obra faz parte da série *Palavras Tomadas*, que é composta por fotorperformances realizadas no apartamento do artista, nas quais se autofotografa com palavras imperativas que fazem parte do léxico de suas pesquisas sobre a negritude e a decolonialidade, formadas por tipos móveis antigamente usados para identificar sacos de café tipo exportação.

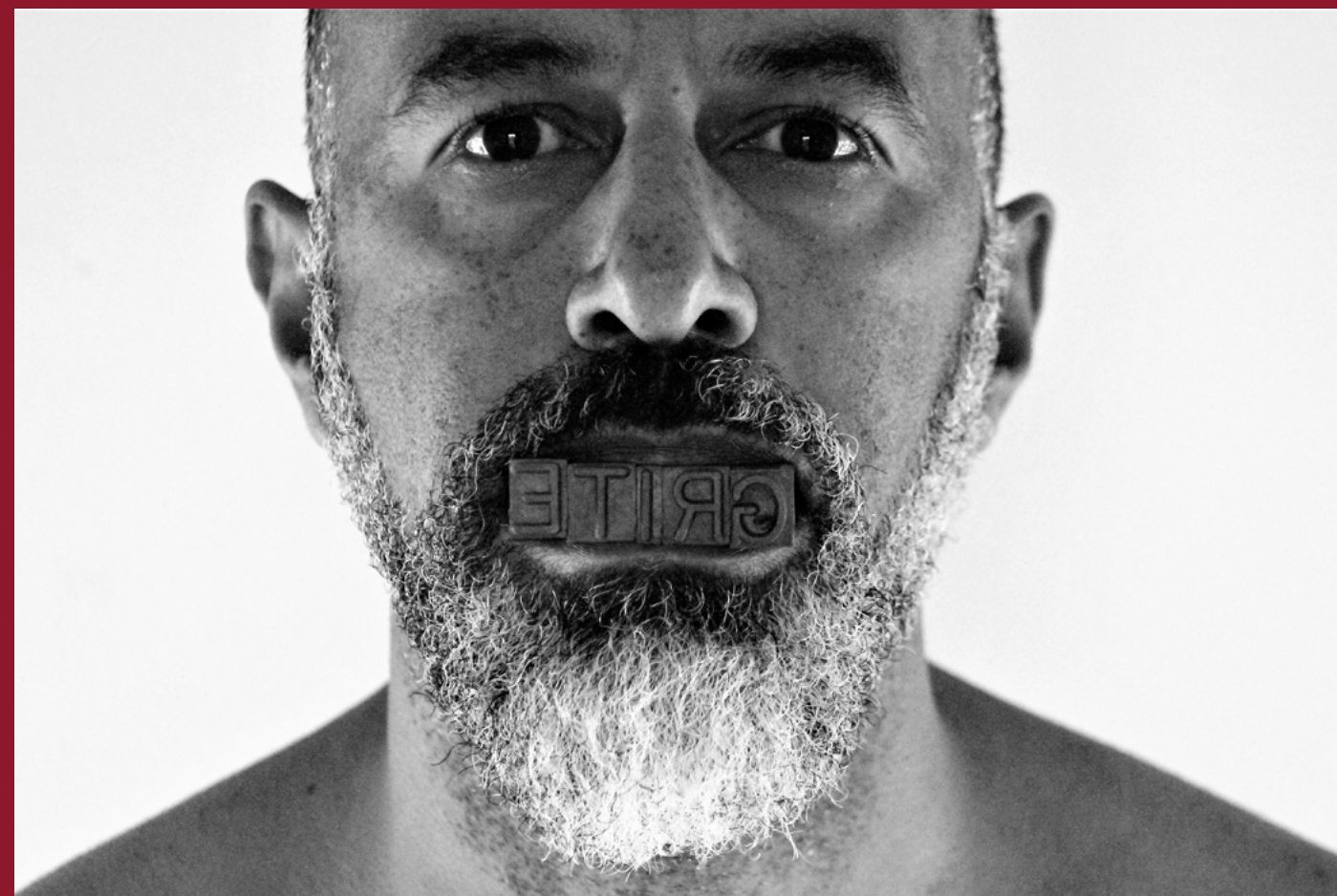
Acesse o vídeo:



série **Palavras Tomadas**
– **Grite**

2018. Fotografia/Vídeo.

2'38" | Registro fotográfico e audiovisual Sérgio Adriano H





Compilado de frases pejorativas e racistas proferidas amplamente na sociedade, extraídas das redes sociais ou de ditados populares, impressas em serigrafia sobre roupas infantis.



Brasil brasileiro

2019. Instalação.

Serigrafia sobre 12 roupas infantis.
30 x 40 x 2 cm cada | Total 8 m | 3/10





Quando o artista Sérgio Adriano H iniciou seus estudos na Casa da Cultura de Joinville (SC), em 2001, em sua segunda semana de aulas, foi interpelado por um de seus colegas de classe sobre o porquê de ele estar estudando artes. Sua resposta foi que desejava ser artista. Então, o colega complementou: “Homens da sua cor não fazem sucesso em artes”. Passados 21 anos, Sérgio retorna à Casa da Cultura com a exposição “SER NEGRO” e cria esta obra a partir do cabo de uma vassoura usada na instituição, com a qual questiona: onde estão os corpos negros nos museus, nos órgãos do governo, nas universidades/reitorias, nos postos de trabalho? A história escrita por seu desejo inicial o coloca diante da conquista de mais de trinta prêmios e 140 exposições; suas obras, inclusive, fazem parte de importantes acervos de museus brasileiros.

série **Sonhos recortados**

2022. Objeto de parede.

Pano de chão recortado, cabo de vassoura da Casa de Cultura de Joinville e ponta de ferro de cerca.
70 x 120 x 20 cm | 1/1



DESCOLONIZAR

Obra construída a partir do Livro *Guia dos Bens Tombados do Brasil*, onde o artista esculpe (recorta) páginas num processo de questionamento sobre os outros “bens” do Brasil que não estão no livro e que foram saqueados, roubados pelos colonizadores. O recorte forma o mapa do Brasil, que foi preenchido pelo artista com pó de pau-brasil, árvore em extinção, amplamente extraída e exportada no período colonial até seu desaparecimento. A obra é apresentada sobre mesa dobrável, daquelas utilizadas por “camelôs” para vender mercadorias.

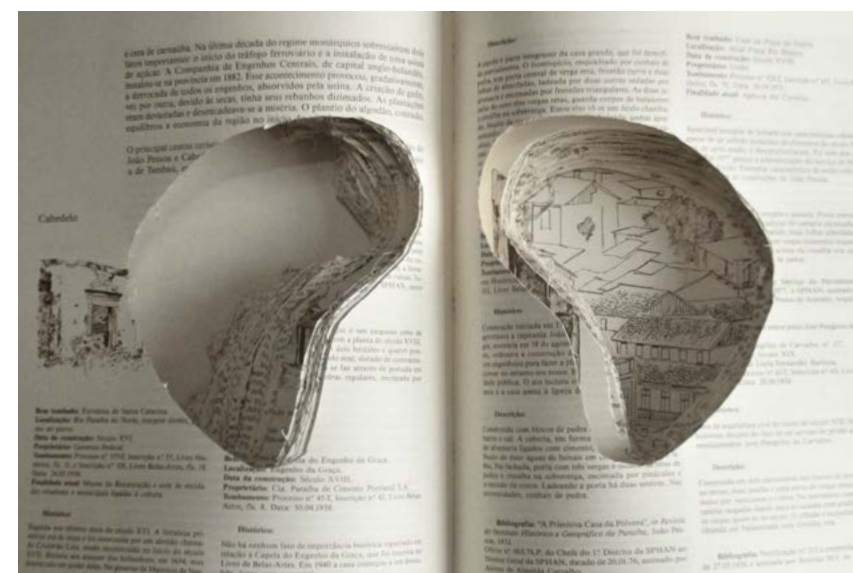
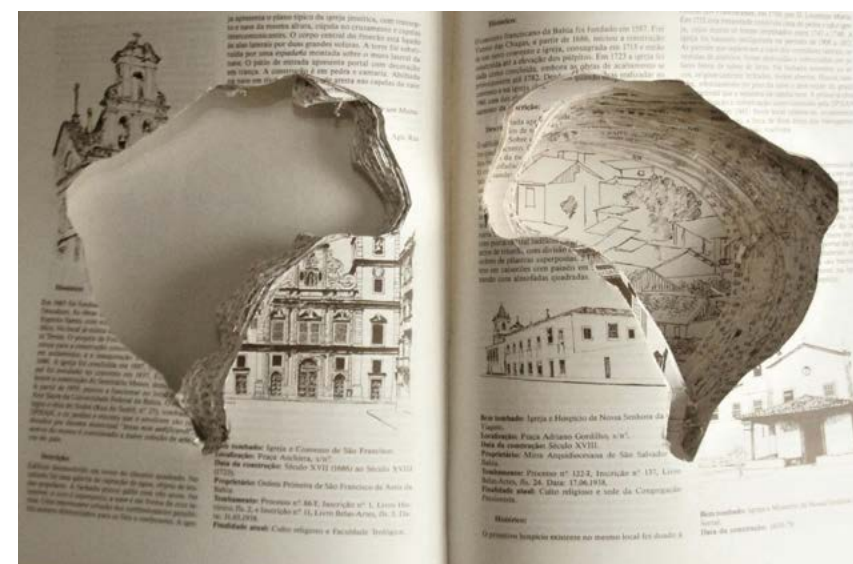
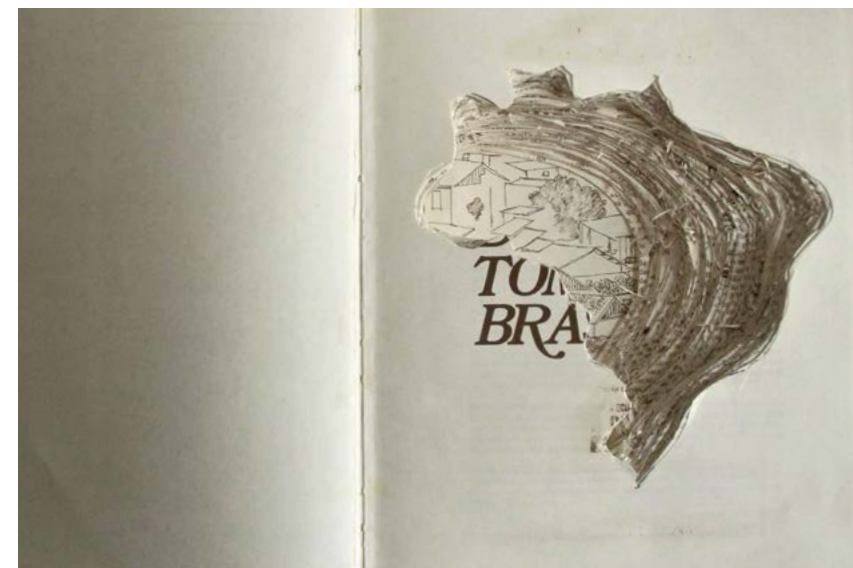


Guia dos Bens Tom Ados do Brasil III

2019. Objeto.

Livro “Guia dos Bens Tombados do Brasil” com páginas recortadas à mão coberto com pó de pau-brasil sobre mesa dobrável de camelô com tampa de acrílico.

Livro 27 x 22 x 4,5 cm | Mesa 50 x 47 x 79 cm | 1/3



TU
BRA

CAIXA
FEL



Obra produzida a partir do Livro *Guia dos Bens Tombados do Brasil*, na qual o artista esculpe (recorta) as 526 páginas num processo de questionamento sobre os outros “bens” do Brasil que não estão no livro e que foram saqueados, roubados pelos colonizadores.



Guia dos Bens Tom_Ados do Brasil II

2019. Objeto de parede.

Mapa formado com 526 páginas recortado do livro “Guia dos Bens Tombados do Brasil”.

20 x 20 x 3,5 cm | 1/10

Obra produzida a partir do Livro *Guia dos Bens Tombados do Brasil*, onde o artista esculpe (recorta) as 526 páginas em um processo de questionamento sobre os outros “bens” do Brasil que não estão no livro e que foram saqueados, roubados pelos colonizadores. Na medida que se folheia o livro, o “mapa do Brasil” desaparece, como “Bens Tomados”. A obra é apresentada sobre mesa dobrável, daquelas utilizadas por “camelôs” para vender mercadorias.



Guia dos Bens Tomados do Brasil I

2019. Objeto.

Livro “Guia dos Bens Tombados do Brasil” com 526 páginas recortadas à mão sobre terra do Quilombo dos Palmares e mesa dobrável de camelô com tampa de acrílico.

Livro 27 x 22 x 4,5 cm | Mesa 50 x 47 x 79 cm | 1/10



DESCOLONIZAR

Fotoperformance realizada no local chamado *Topo do Mundo*, situado no alto da Serra da Moeda, entre os municípios mineiros de Moeda, Brumadinho, Nova Lima, Itabirito, Belo Vale e Ouro Preto, a aproximadamente 1.500m de altitude. Alguns historiadores afirmam que a origem do nome da Serra está ligada ao registro de que a região teria abrigado a primeira fábrica clandestina de dinheiro no país, ainda no período colonial. Na foto, o artista veste um cobertor recolhido da rua, no centro de São Paulo, abandonado por pessoa em vulnerabilidade social, e segura uma faixa com a palavra “DESCOLONIZAR”, grafada em tipografia africana, com a letra “X” sobreposta ao “S”.

série **CORpo-MANIFESTO**
– “**Topo do Mundo**”

2023. Fotoperformance.

Impressão sobre tecido presa em cabo de vassoura.
80 x 120 cm | 1/5 | Registro fotográfico Sérgio Adriano H





Fotoperformance realizada na praça XV de Novembro, antigo Largo do Paço, Rio de Janeiro, um dos maiores portos a receber escravizados no Brasil. Na foto, o artista veste um cobertor recolhido da rua, no centro de São Paulo, abandonado por pessoa em vulnerabilidade social.

série **CORPO-MANIFESTO**
– **Largo do Paço**

2022. Fotoperformance.

Impressão sobre tecido presa em cabo de vassoura, na horizontal.
80 x 120 cm | 1/10 | Registro fotográfico Sérgio Adriano H

AparaDOR abre caminho

Claudia Miranda

AparaDOR é “abre caminho”. É inspiração. Mas, antes de tudo, é um convite para rotas contra-hegemônicas e sem garantias. Isso porque nos leva a pensar em movimento, sugere inteireza onde corpos pluridiversos podem ser capturados bem como narrativas podem ser abandonadas ou reescritas.

Sob o impacto dessa experiência *sentipensante*, a tarefa é provocar, indagar, duvidar, questionar, entender o que é assumirmos um tipo de intervenção descolonizadora, em tempos de crise profunda que afeta possibilidades de sonharmos outras vias oxigenantes para a experiência comunitária. Disso se trata: de sonharmos juntos descaminhos possíveis.

AparaDOR é também percurso, viagem acidentada e uma provocação estético-poética capaz de incidir em nossas (des)aprendizagens e (re)aprendizagens sobre existir e reexistir no campo das Artes Visuais. Sugere giras de ideias nas brechas, anuncia fissuras pelas mãos, pés, boca, peito... pelos corpos e corpos desobedientes. Uma ponte para outros mundos com rebeldia, desalienação e perguntas sobre pertencimento.

A crítica decolonial sai do subterrâneo. Na América-ladina, forma-se um espaço geopolítico do qual fazemos parte na contramão da coloniali-

dade do poder, e esse trabalho implica a compreensão de percursos de lutas coletivas. As batalhas impostas aos segmentos racializados, inventados como “subalternos” - nesse caso pessoas afro-descendentes e indígenas -, envolviam a degenerescência de suas identidades. A decolonialidade ocorre quando consideramos discursos e práticas pluridiversas, quando promovemos a entrada das *culturas* na elaboração de políticas públicas. Nessa elaboração, caberia considerarmos múltiplas visões epistemológicas e retóricas invisibilizadas.

Aprendemos, no caminhar com grupos de ativistas e de intelectuais antirracistas, que o *status* de ser “o outro” implica em ser o outro em relação a algo. Ou “ser diferente” do que se convencionou considerar “ser normal”. A descolonização das instituições se dá com grupos de pessoas comprometido com uma crítica radical sobre esse fenômeno. Vozes dissonantes enfrentam oligarquias e sistemas responsáveis por violências de toda ordem. Romper com silenciamentos impostos por séculos, tem sido um exercício realizado pelos movimentos culturais e políticos constituídos nas bases. Esses movimentos emergem em áreas importantes que, por sua vez, influenciaram/influenciam as análises, as teorizações e dinâmicas intersetoriais em diferentes lugares. Compreender o percurso da crítica decolonial

depende de uma releitura dos modos de nos lançarmos.

Os traços das expedições físicas e imaginárias de Sérgio Adriano H estão em alto relevo. Pesquisador e filósofo, extrapola ideários com suas africanidades e cosmo percepções alcançadas no caminhar. Um artista insurgente pela proposta apresentada com múltiplos elementos. Nascido no Sul do Brasil (1975, Joinville/SC), redirecionou os (des)sabores da colonialidade do poder para um trabalho crítico necessário nas Américas do século XXI.

Os diferentes suportes que caracterizam a exposição AparadOR esbarram na agenda descolonizadora em curso no mundo. E isso ocorre na medida em que o autor incorpora textos, objetos e seu próprio corpo numa reinterpretação icônica. A rua e a casa grande são confrontadas no mosaico que constrói. Os textos imagéticos produzidos por Sérgio Adriano H incomodam, sendo essa uma das opções da crítica decolonial. Os incômodos nos levam a pensar. Comprometido com outras itinerâncias, assume a tarefa educadora. Diferentes territórios de enunciação e de rupturas, com o *ethos* da servidão – característico das relações étnico-raciais –, ganham importância.

Sentipensar com Sérgio Adriano H tem significado desclandestinizar rotas e, no contato com suas obras, também experimentamos (de)sabores e (des)gostos necessários, passamos a (re)interpretar os outros sentidos que propõe para novas utopias possíveis.

A exposição AparadOR é analisada como parte de uma convocatória feita por muitas vozes situadas no subsolo de um mundo desigual e violento. Trata-se, também, de uma proposta político-pe-

dagógica justamente pela capilaridade alcançada com a concepção de dispositivos comunicacionais revigorantes. São multilinguagens que guardam concepções de descolonização do olhar da corporeidade e de saberes soterrados pelas narrativas historiográficas.

Dito de outra forma, Sérgio Adriano H oferece pistas para fortalecermos caminhos de resistência e esses se definem na contracorrente. Essas pistas podem ser reconhecidas dentro de um esforço mais amplo de “tradução estético-poético-decolonial”. São pistas para outros arranjos, para outras práticas, os movimentos culturais desobedientes ganham com sua lupa descolonizadora. Por tudo isso, faz sentido ratificarmos que as multilinguagens artísticas são espaços de confrontação por acionarem dimensões do cotidiano enfrentado. Não é muito afirmar que disputar outros percursos estético-poéticos é propor outras educações, além de incidir na tarefa de desalienação das nossas juventudes que dependem do contato com o trabalho de artistas como Sérgio Adriano H.

Decolonização: Projeto e Atitude

Cláudia Mortari

AYA Laboratório de Estudos Pós-Coloniais e Decoloniais

(...) se alguém conta uma história sobre algo que você não gosta, conte outra história sobre você mesmo que você gosta, que também é verdade e contrapõe a que lhe foi contada (...). Nós temos que fazer esse tipo de coisa em larga escala (...). E isso é realmente algo que eu desejo ver neste século – **a balança das histórias**, onde todas as pessoas estarão hábeis para contribuir com a própria definição, **onde nós não somos vítimas** dos relatos de terceiros. (Chinua Achebe, 2013)

(...) Sonhar para mim é acordar todo dia. É sonhar com algo que você queira para sua vida, que te faça feliz. Para mim o sonho é isso e é mais que isso. Hoje eu sonhei, amanhã ele se torna como um objetivo, uma meta. E quando você vem numa exposição minha, o meu grande sonho é **retirar você da passividade**, te colocar como um **formulador de perguntas**. (...) Então, para mim, o meu grande sonho é que todos possam sonhar. **Possam sonhar** o que ser, o que quiser, que tem o poder de sonhar o que deseja ser. Então, para mim, o meu grande sonho enquanto vivo, enquanto artista, é poder fazer isso, é levar o outro a sonhar, ser feliz. (Sérgio Adriano H, 2023)

As vozes que protagonizam a abertura desta breve reflexão reverberam formas de ser no mundo ancoradas em sonhos, projetos, atitudes e criações.

Duas pessoas, artistas de origens distintas – Chinua Achebe (1930-2013), escritor nigeriano igbo e Sérgio Adriano H, artista plástico brasileiro –, de gerações, classes e sexualidades distintas e que carregam em seus corpos algo em comum: são homens negros, cuja existência tensiona e fratura, através da arte, as formas de violências do mundo porque (re)existem, (re)criam, sonham e possuem algo a dizer.

E o que nos falam?

De sonhos, de histórias, de desejos, de ações que interrogam o passado e o presente e colocam em xeque a interdição resultante do projeto colonial moderno, iniciado com a expansão europeia e invasão de territórios pelos europeus a partir do século XV e que permanece até o momento atual, constituindo o modelo global de violência ancorada em parâmetros eurocentrados de existência que estabelecem e hierarquizam a raça, a classe, o gênero, a sexualidade e a religião, entre outros marcadores. O eurocentrismo é a base de (re)produção da colonialidade do saber, do ser, do poder, do gênero e da natureza (Mignolo, 2003; Quijano, 2010; Lugones, 2014), que pressupõe, entre outras questões, o controle da subjetividade e do conhe-

cimento projetando um imaginário perante nações, corpos, ofícios e saberes que resultaram e resultam na expropriação, exclusão, epistemicídio (Carneiro, 2005), genocídios e renegação de histórias locais e experiências nas Áfricas e na Abya Ayla (Antonacci, 2009).

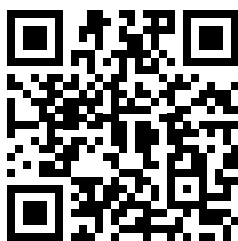
Ambos os artistas tensionam narrativas e ações a partir de uma postura desestabilizadora na (re) leitura dos discursos que moldaram o pensamento ocidental e mantiveram lugares de privilégio, gerando opressões das mais diferentes ordens ao demandarem o equilíbrio das histórias, o rompimento com a passividade, a formulação de questionamentos, sonhos e suas realizações. Constroem uma proposta alternativa radical de sentipensar deslocadas dos dispositivos da modernidade/colonialidade sustentada na premissa básica de que todas as pessoas possuem o direito de ter memórias, constituídas a partir de suas histórias e experiências, conhecidas, consideradas e respeitadas. Empreendem, portanto, um processo de decolonização, aqui entendida como libertação e emancipação. Afinal, como nos ensinou Fanon (2008), é passando além da hipótese histórica, instrumental, que se torna possível o ciclo de liberdade. Ele só é possível a partir de uma decolonialidade combativa, portanto, como projeto e atitude, se constituindo enquanto tarefa epistêmica e política de convite ao diálogo para a produção de mudanças e fraturas dos padrões coloniais do ser, do saber e do poder (Maldonado-Torres, 2016). E encontra suas raízes em projetos insurgentes que rompem com a dualidade entre sujeito e objeto, que resistem, questionam e são marcados pela

luta antirracista, antipatriarcal e comprometida com a vida. Decolonizar implica, no trabalho epistêmico, estético e político, na constituição de laços entre três esferas: da política ou do ativismo social, da produção de conhecimento e da criação artística (Maldonado-Torres, 2016).

Sim, a arte, isto é, o que chamamos de arte, essa produção criativa é fundamental porque tem a ver com a decolonização do imaginário e dos símbolos, e os humanos são animais simbólicos. Tem de haver uma forma de imaginar que ultrapasse a imaginação do colonialismo, a arquitetura do colonialismo, a estética da modernidade. E tudo isso tem que ser recriado. Sem isso não há processo de decolonização propriamente dito. (...) Agora, também tem de estar ligado, na minha opinião, a processos combativos de mudança. (Maldonado-Torres, 2023. Tradução nossa)

Afinal, como aponta a seguir Sérgio Adriano H, “Tudo que é vivo incomoda” e uma das “formas de lutarmos é pegar a arte e levar a todos, em todos os lugares”.

Acesse o vídeo de Sérgio Adriano H, gravado pela Emitai e AYA:



Referências

- ACHEBE, Chinua. Entrevista concedida ao Theafricareport. 22 março, 2013. Disponível em: <https://www.theafricareport.com/5912/an-interview-with-late-nigerian-author-chinua-achebe-byhelon-habila/>. Acesso: 16 mar. 2018.
- ANTONACCI, Maria Antonieta. África/Brasil: corpos, tempos e histórias silenciadas. Revista Tempo e Argumento. Florianópolis, V.1, n.1, p. 46-67, jan./jun. 2009.
- CARNEIRO, Aparecida Sueli. A Construção do Outro como Não Ser como fundamento do Ser. 2005. 339 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2005.
- FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. Salvador, BA: Universidade Federal da Bahia, 2008.
- GROSGUÉL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. Revista Crítica de Ciências Sociais, n. 80, p. 115-147, 2008.
- LUGONES, María. Rumo a um feminismo decolonial. Estudos Feministas, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 935-952, set-dez/2014.
- MALDONADO-TORRES, Nelson. Transdisciplinaridade e decolonialidade. Revista Sociedade e Estado – v. 31 n 1. p. 75-97, jan-abr 2016.
- MBEMBE, Achille. Crítica da Razão Negra. Lisboa: Antígona, 2014.
- MIGNOLO, Walter D. Histórias locais/Projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

MORTARI, C.; MORAIS DE ASSUNÇÃO, M. F.; TOMBINI WITTMANN, L.; CRISTINA DA SILVA ANIZIO CASSIANO, T. Colonialidad y decolonialidad combativa: Entrevista con Nelson Maldonado-Torres. Revista de Teoria da História, Goiânia, v. 26, n. 2, p. 141-164, 2023. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/teoria/article/view/78165>. Acesso em: 4 abr. 2024.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do Poder e Classificação Social. In: SANTOS, Boaventura; MENESES, Maria Paula. Epistemologias do Sul. 1a. ed. Editora Cortez, 2010.

Juliana Crispe

Juliana Crispe é mãe da Lia.

Curadora, Pesquisadora, Professora, Arte-educadora, Artista Visual. Ativista pelas questões das Mulheres, Negres, Indígenas e LGBTQI+. É Bacharel em Artes Plásticas, Licenciada e Mestre em Artes Visuais pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). É Doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Pós-doutora pela UDESC. Coordena o Projeto Armazém, que apresenta, através de exposições, seminários, oficinas, feiras de arte e seu acervo, obras que sejam múltiplos, publicações de artista, de pequenas e grandes tiragens. Coordena o Armazém Coletivo Elza, um coletivo feminista com o objetivo de promover arte, cultura, educação, infância, saúde coletiva e empoderamento. Atua como professora no curso de Artes Visuais no Centro de Artes da UDESC. É membra da Associação Brasileira de Críticos de Arte.

Cláudia Mortari

Cláudia Mortari é professora Associada do Departamento de História, do Programa de Pós-Graduação em História (PPGH) e de Ensino de História (ProfHistória) do Centro de Ciências Humanas e da Educação (FAED) da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Integra o AYA Laboratório de Estudos Pós-Coloniais e Decoloniais desenvolvendo projetos de pesquisa e extensão no campo dos estudos africanos e a Comissão de Ações Afirmativas e Diversidades (CAAD).

<https://ayalaboratorio.com/o-aya/>

Cláudia Miranda

Claudia Miranda é pós-doutora em Psicossociologia de Comunidades (Programa de Estudos Interdisciplinares de Comunidades e Ecologia Social - EICOS/UFRJ) e Consultora Ad hoc do CNPq. É Mestre em Educação (UFRJ) e Doutora em Educação (PROPEd/UERJ). Atua como professora do Doutorado e Mestrado em Educação (PPGEdu/UNIRIO). Professora da Especialização e Curso Internacional Estudos Afrolatinoamericanos y Caribeños (CLACSO). É professora e investigadora do Black and Indigenous Liberation Movement (BILM). É membro do Grupo de Trabalho CLACSO Afrodescendência e propostas contra-hegemônicas e professora da Escuela Internacional Más Allá del decenio afrodescendiente (entre 2017 e 2018). Líder do grupo de estudos e pesquisa Formação de Professores, Pedagogias Decoloniais, Currículo e interculturalidade: agendas emergentes na escola e na universidade (GFPPD/CNPq). Atua como coordenadora de pesquisa do Núcleo de Estudos afrodescendente e Indígena (NEABI) da UNIRIO e coordena a Rede Carioca de Etnoeducadoras Negras.

Sérgio Adriano H

Natural de Joinville (SC), vive e produz entre Joinville e São Paulo. É artista visual afrodiáspórico, performer, fotógrafo, pesquisador, formado em artes visuais e mestre em filosofia.

Com trabalhos em objetos, fotografias e vídeos, a prática do artista propõe discussões sobre temas existenciais pensados dentro do sistema simbólico chamado “verdade”. Essas abordagens envolvem vida e morte, identidade racial, violência, invisibilidade e apagamento social sob a ótica da decolonialidade. A crítica política e social é marcante em sua poética forjada permanentemente na experiência de campo, na crua realidade, nas provocações alcançadas pelas suas performances, instalações e objetos, criados justamente para nos fazer pensar. Suas representações abarcam assuntos delicados e pouco refletidos pela sociedade, e incitam um deslocamento necessário à reflexão sobre instâncias educativas e as ditas normatividades e modelos tradicionais.

Em sua trajetória, Sérgio Adriano H contabiliza mais de 180 exposições nacionais e internacionais, com destaque para: “Mãos: 35 anos da Mão Afro-Brasileira”, Museu de Arte Moderna de São Paulo – MAM, São Paulo (2023/24); “Dos Brasis: arte e pensamento negro”, Sesc Belenzinho, São Paulo (2023/24); “desCOLONIZAR CORpos”, Caixa Cultural de Brasília, Brasília (2023); Performance “desCOLONIZAR CORpos”, Paço das Artes, São Paulo (2023), Performance “desCOLONIZAR CORpos”; Museu de Artes Visuais da Unicamp, Campinas (SP) (2023); Performance “DESCOLONIZAR CORpos”, Institut national d’histoire de l’art, Paris (FR) (2023); 8ª Bienal Argentina de Fotografia Documental, Tucumán (ARG) (2018); “Encruzilhada”, Museu de Arte Moderna da Bahia, Salvador (2022); “Visão do Paraíso”, Centro Cultural Brasil-Moçambique, Maputo (2022); “PretAtitude – Insurgências, emergências e afirmações na arte afrobrasileira Contemporânea”, Sesc Rio Preto, São José do Rio Preto (SP) (2020); 13ª e 14ª Bienal Internacional de Curitiba (2017/19); “Diálogos Ausentes”, Instituto Itaú Cultural, São Paulo (2016). 35ª Premiações, destaque: Medalha Cruz e Sousa, Estado de Santa Catarina (2022); Prêmio FAMA – Fábrica de Artes Marcos Amaro. Possui obras em acervos institucionais, dentre os quais: Museu de Arte Moderna de São Paulo – MAM, São Paulo; Museu de Arte Contemporânea – MAC USP, São Paulo; Museu de Arte do Rio – MAR, Rio de Janeiro; Museu de Arte Moderna da Bahia – MAM, Salvador; Museu de Arte de Santa Catarina – Masc, Florianópolis. Tema de “Documentário Casa de Artista Sérgio Adriano H” e “Documentário Índice, 2019, Palavra Tomada, 2021”, dirigido pela dra. Céli Antonacci.

Em 2014 foi selecionado como um dos 30 artistas mais influentes do estado de Santa Catarina tendo sua biografia incluída no livro “Construtores das Artes Visuais: Cinco Séculos de Artes em Santa Catarina”.

Currículo Artístico (*resumo*)

Exposições Individuais

ao longo da trajetória de Sérgio Adriano H, são mais de 180 exposições.

2023

- “desCOLONIZAR CORpos”, Caixa Cultural de Brasília, Brasília (DF);
- Performance “desCOLONIZAR CORpos”, Paço das Artes, São Paulo;
- Performance “desCOLONIZAR CORpos”, Museu de Artes Visuais da Unicamp – Campinas (SP);
- “Ser Negro”, Galeria Jandira Lorenz - CEART/ UDESC, Florianópolis;
- Performance “desCOLONIZAR CORpos”, Institut national d’histoire de l’art, Paris (FR).

2022

- “Ressoar”, Galeria Municipal de Arte Pedro Paulo Vecchiatti, Florianópolis;
- “Ser Negro”, Galeria Municipal de Arte Victor Kursancew, Joinville (SC);
- Intervenção Urbana/ Exposição “Não Consigo Respirar”, Edital Elisabete Anderle de Estímulo à Cultura – Artes, Fundação Catarinense de Cultura (FCC), Governo do Estado de Santa Catarina. Locais: Chapecó, Lages, Blumenau, Itajaí, Criciúma, Florianópolis, Joinville (SC); São Paulo; Rio de Janeiro.

2021

- “Não Consigo Respirar”, Fábrica de Artes Marcos Amaro, Itu (SP);
- “Minuto de Silêncio”, Centro Cultural da Diversidade, São Paulo.

2020

- “E essa tal liberdade, aonde é que anda, aonde é que vai?”, Galeria Choque Cultural online, São Paulo.

2019

- 14ª Bienal Internacional de Arte Contemporânea de Curitiba, Museu Oscar Niemeyer, Curitiba;
- “Ressoar”, 14ª Bienal de Curitiba parceria com Galeria Choque Cultural, São Paulo;
- “Índice”, 14ª Bienal de Curitiba – Polo SC, Fundação Badesc, Florianópolis;
- “Palavra Tomada”, Galeria SESC, Joinville (SC);
- “Palavra Tomada”, Galeria SESC, Lages (SC);
- “Palavra Tomada”, Galeria SESC, Itajaí (SC);
- “Palavra Tomada”, Casa da Cultura Dide Brandão, Itajaí (SC);
- “TU MATA EU”, Instituto dos Pretos Novos – IPN, Rio de Janeiro;
- “Ruptura do Invisível”, Centro de Arte Hélio Oiticica, Rio de Janeiro;
- “Grito em Silêncio”, Memorial Meyer Filho, Florianópolis;
- “O Visível do Invisível” - Intervenção Urbana/ Instalação/Ação de arte - Joinville (SC).

2018

- “Ruptura do Invisível” - Intervenção urbana Exposição/Ação de arte em muros externo, Fundação Cultural Badesc – Florianópolis.

2016

- Projeto: “O Visível do Invisível” – 30 Intervenções Urbanas/Instalação/Ação em 15 cidades no estado de SC.

Exposições Coletivas

2024

- “Brasília, a arte da democracia”, Fundação Getúlio Vargas - FGV Artes, Rio de Janeiro;
- “Outras Paisagens”, Museu de Arte Contemporânea de Niterói – MAC, Niterói (RJ);
- “APROXIMAÇÕES”, Museu de Arte de Ribeirão Preto (SP) e Museu de Artes Visuais da UNICAMP (SP).

2023

- “Mãos: 35 anos da Mão Afro-Brasileira”, Museu de Arte Moderna de São Paulo – MAM, São Paulo;
- “Dos Brasis – Arte e Pensamento Negro”, SESC Belenzinho, São Paulo;
- Projeto expositivo “Em visita. Helô Sanvoy e Sérgio Adriano H”, Museu de Artes Visuais da Unicamp, Campinas (SP);
- “Meiembipe Nagô: ancestralidades afroindígenas”, Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFH), da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

2022

- “Visão do Paraíso”, Centro Cultural Brasil-Moçambique, Maputo (MZ);
- “Encruzilhada”, Museu de Arte Moderna da Bahia, Salvador.

2020

- “PretAtitude – Emergências Insurgências Afirmações. Arte Afro-Brasileira Contemporânea”, Sesc Rio Preto, São José do Rio Preto (SP);
- “Livros Livres”, Museu de Santa Catarina - MASC, Florianópolis.

2019

- 14ª Bienal Internacional de Arte Contemporânea de Curitiba, Museu Oscar Niemeyer, Curitiba.

2018

- 8ª Bienal Argentina de Fotografia Documental, Tucumán (AR);
- “Somos Todos Iguais”, Centro Cultural de Justiça Federal, Rio de Janeiro;
- Bienal das Artes – Sesc, Brasília;
- “Absurdo é ter Medo”, Instituto Pretos Novos – IPN, Rio de Janeiro;
- “Entre Cléa”, Galeria Municipal de Arte Pedro Paulo Vecchiatti, Florianópolis;
- “Desterro Desaterro - arte contemporânea em Santa Catarina”, Museu de Arte de Santa Catarina, Florianópolis;
- 6º Projeto Armazém – “O Mundo como Armazém”, MASC – Museu de Arte de Santa Catarina, Florianópolis;

2017

- “Antípodas - Diverso e Reverso”, Bienal de Curitiba, Curitiba;
- “Antípodas Contemporâneas”, Museu Escola de SC - Bienal de Curitiba – Polo SC, Florianópolis;
- “Diálogo Ausentes”, Complexo da Maré, Rio de Janeiro.

2016

- “Diálogo Ausentes”, Itaú Cultural, São Paulo.

Premiações

2022

- Medalha Cruz e Sousa, Estado de Santa Catarina;
- Prêmio Elisabete Anderle de Estímulo à Cultura, Estado de Santa Catarina.

2021

- Prêmio Elisabete Anderle de Estímulo à Cultura, Estado de Santa Catarina;
- Salão Nacional Victor Meirelles – Museu de Arte de SC, MASC;
- Prêmio FAMA – Fábrica de Artes Marcos Amaro.

2020

- Prêmio de Reconhecimento por Trajetória Cultural Aldir Blanc SC;
- Prêmio Elisabete Anderle de Estímulo à Cultura, Estado de Santa Catarina.

2019

- Prêmio Elisabete Anderle de Estímulo à Cultura, Estado de Santa Catarina.

2018

- Medalha Victor Meirelles como Personalidade do Ano de 2018, concedida pela Acla - Academia Catarinense de Letras e Artes;
- Aliança Francesa de Arte Contemporânea.

2017

- Prêmio Elisabete Anderle de Estímulo à Cultura, Estado de Santa Catarina.

2014

- Prêmio Elisabete Anderle de Estímulo à Cultura, Estado de Santa Catarina.

Bolsas de produção contempladas

2017 a 2019

- Lei de Incentivo a Cultura de Joinville Simdec, 46ª a 39ª Coletiva de Artista de Joinville (SC).

2008

- Museu de Arte Contemporânea Schwanke, Joinville (SC).

Citações em Livros

2021

- “Apontamentos da Arte Africana e Afro-Brasileira Contemporânea”, Dra. Célia Maria Antonacci.

2017

- “Antípodas - Diverso e Reverso”, Bienal de Curitiba, 2017.

2014

- “Construtores das Artes Visuais: Cinco Séculos de Artes em Santa Catarina”.

2013

- “Rumos Artes Visuais: Convite à Viagem” - Itaú Cultural, 2013.

Parceria artística

Parceria com a artista Priscila dos Anjos, no Grupo P.S., contabilizado mais de 78 exposições, com destaque para os projetos:

2019

- “Frequentar os incorporais: entre o movimento e o silêncio”, Museu de Arte de Santa Catarina, Florianópolis.

2016

- 5º Festival Internacional de Cinema e Direitos Humanos, Montevideu (UR).

2013

- “Rumos Artes Visuais: Convite à Viagem”, Itaú Cultural, Paço Imperial, Rio de Janeiro.

2012

- “Rumos Artes Visuais: Convite à Viagem”, Itaú Cultural - São Paulo.
- “Rumos Artes Visuais: Volta ao Mundo em 80 dias”, Centro Cultural Octo Marques, Goiânia.

2008

- Convite projeto ARCADEMIA de Dora Longo Bahia 28ª Bienal de São Paulo.

Obras em acervos públicos

2024

- Museu de Arte Moderna de São Paulo – MAM, São Paulo;
- Centro Cultural da Diversidade, São Paulo.

2023

- Museu de Artes Visuais – MAV UNICAMP, Campinas (SP).

2022

- Museu de Arte de Santa Catarina – Masc, Florianópolis;
- Instituto Pretos Novos – IPN, Rio de Janeiro;
- Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo – MAC USP, São Paulo;
- Museu Fabrica de Artes Marcos Amaro (Fama), Itu (SP);
- Museu de Arte Moderna da Bahia – MAM, Salvador.

2021

- Museu de Arte do Rio de Janeiro – MAR, Rio de Janeiro.

2020

- Bienal Internacional de Curitiba, Curitiba.

2019

- Sesc – Serviço Social do Comércio, Departamento Nacional, Rio de Janeiro.

2011 e 2002

- Museu de Arte de Blumenau – MAB, Blumenau (SC).

2005

- Museu Histórico de Itajaí, Itajaí (SC).

Residência Artística

2022

- “Pemba - Residência Preta”, Sesc - Serviço Social do Comércio;
- “Cor, Corpo & Manifesto”, Espaço Cultural Armazém – Coletivo Elza, apoio Galeria Choque Cultural, Florianópolis.

2021

- “A Zero”, MEDUSA Editora e Produtora, Curitiba.

2014

- Curadoria Forense Residências de Arte Contemporânea, Villa Alegre, Chile.



realização:



produção:



apoio:

